

AS TRIBOS URBANAS EM PALMAS E SEUS PROCESSOS DE (RE)TERRITORIALIZAÇÃO

Samila Valentin Bonilha¹
Valdirene Cássia da Silva²

Resumo: Na contemporaneidade, a sociedade carrega em si uma série de significações que, para ser compreendidas, deve-se atentar para as mudanças constantes nas estruturas culturais e nas instabilidades das identidades. Esse artigo apresenta o resultado de uma investigação referente às tribos urbanas da cidade de Palmas – TO, e seus espaços de sociabilidade: Palmas Shopping e Capim Dourado Shopping. A metodologia utilizada na pesquisa foi a etnografia. Como instrumentos de coleta de dados, a revisão de literatura, a observação e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados permitiram concluir que as tribos urbanas, existentes em Palmas - TO, com a implantação do Capim Dourado Shopping, redefiniram seus espaços de sociabilidades, inaugurando assim novos territórios.

Palavras-chave: Neotribalismo. Espaços de Sociabilidade. Culturas Juvenis.

Introdução

A realidade social demonstra que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis. Esses grupos constituem um conjunto heterogêneo. Diferentes oportunidades, dificuldades, facilidades e poder distinguem os grupos juvenis nos diferentes contextos sociais. Logo, por definição, a juventude é uma construção social e cultural, produção de determinada sociedade, por meio das múltiplas formas como essa sociedade vê os jovens. Trata-se de uma produção, na qual se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, tribos etc.

A juventude se distingue, ainda, por seu caráter de limite:

[...] ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 8).

¹ Publicitária, mestranda em Comunicação Estratégica na Universidade da Beira do Interior – UBI. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade, do CEULP/ULBRA. samilavalentinbonilha@gmail.com

² Relações Públicas e professora do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade, do CEULP/ULBRA Palmas - TO. valdirene.silva0@gmail.com



Nenhum limite fisiológico é bastante para identificar analiticamente essa fase da vida. A melhor explicação é a que se coloca numa perspectiva histórico-cultural das sociedades humanas: essas sociedades identificam e atribuem ordem e sentido à aquilo que parece tipicamente transitório, caótico e desordenado. O fato de ser irredutível a uma definição estável e concreta constitui o caráter marginal ou limítrofe do conceito de juventude. Em última análise,

[...] é precisamente a sua natureza fugidia que carrega de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidade e de fragilidade essa construção cultural, a qual, em todas as sociedades, é objeto de uma atenção ambígua, ao mesmo tempo cautelosa e plena de expectativas. [...] As sociedades sempre ‘construíram’ a juventude como um fato social intrinsecamente instável, irredutível à rigidez dos dados demográficos ou jurídicos, ou – melhor ainda – como uma realidade cultural carregada de uma imensidão de valores e de usos simbólicos e não só como fato social simples, analisável de imediato (LEVI e SCHMITT, 1996, p. 8).

Considera-se a juventude como uma fase crucial da formação e transformação de cada sujeito, seja no que se refere à manutenção do corpo e do espírito, seja no que diz respeito às escolhas decisivas que sinalizam a inserção definitiva na vida da comunidade. A juventude apresenta especificidades como imagens fortes, modos de pensar e de representar a si própria e à sociedade, elementos constitutivos da grande batalha do simbólico. A sociedade cria uma imagem dos jovens, atribuindo a eles caracteres e papéis, na medida em que lhes impõem regras e valores, elementos responsáveis pelos conflitos decorrentes dos processos de integração e reprodução social.

De acordo com a sociologia da juventude, duas grandes linhas agrupam as representações mais comuns do que se compreende por jovem: a geracional e a classista. A linha geracional considera a juventude como um conjunto social derivado de uma determinada fase de vida, com ênfase nos aspectos geracionais, o que implica uma compreensão da juventude a partir da sua condição etária. Pensar em jovem é o mesmo que pensar em sujeitos homogêneos, ignorando suas singularidades. Para a linha classista, juventude tem outras dimensões: suas raízes mergulham nas diferentes expressões da vida social, reflexos de universos mais amplos e diversificados, cujos fundamentos são as diferentes situações de classe, produto das desigualdades sociais (PAIS, 2003).

Ainda segundo o autor, essas visões não se anulam, mas exigem diferentes estratégias de abordagem. Dependendo do enfoque, a juventude pode se apresentar tanto como um grupo aparentemente homogêneo quanto heterogêneo. No primeiro caso, quando a comparamos com outras gerações. No segundo, quando é vista como um

conjunto de sujeitos, com diferentes origens, culturas e atribuições sociais. Como toda categoria socialmente construída, o conceito de juventude possui uma dimensão simbólica. Entretanto, não pode ser reduzido a ela, com pena de comprometer seu significado, na medida de sua desmaterialização. Por essa razão e com o objetivo de estudar a condição juvenil na contemporaneidade, a perspectiva que nos colocamos é o das tribos urbanas.

1. Tribos urbanas

Ao revisar a literatura contemporânea sobre jovens, não há como deixar de destacar termo pelo qual seu comportamento, sua aparência, e suas práticas, sobretudo, nos grandes centros urbanos, são comumente nomeados: “tribos urbanas”. A principal característica desses sujeitos é a transitividade, o que lhe confere uma condição variável, indeterminável, com diferentes facetas e complexidade.

Com essa concepção, percebe-se que a condição juvenil que revela a transitividade encontra-se em agrupamentos que se reúnem pela necessidade de identificar-se por meio de determinadas particularidades - valores, sentimentos, anseios, visões de mundo, entre outros. Esses agrupamentos configuram a chamadas “tribos urbanas” ou “agrupamento juvenil”. Segundo Araújo (2003, p 13), “[...] a formação de tribos urbanas parece ser um movimento claro de preservação cultural e criação de uma simbologia que permite ao ser humano situar-se no mundo de forma mais objetiva”. A confluência dos grupos sociais (tribos) com os espaços de associação da sociedade “pós-moderna” (urbes) criou uma conexão extemporânea, sobrevivida dos estudos de Maffesoli (1985), nos quais surge o termo “tribo urbana”. Nesses mesmos estudos, esse autor usa outra expressão, o neotribalismo:

[...] micro-grupos sociais cuja identidade e sociabilidade são marcadas pelo individualismo, unissexualização da aparência física, do corpo e da moda: pequenos grupos delimitados nas sociedades complexas elaboram e dispõem de suas próprias regras (MAFFESOLI apud SILVA, 2007, p.49).

Em uma perspectiva cultural, a pós-modernidade³, que surge em meados do século XX, é considerada por Michel Maffesoli, segundo Quaresma (2005, p. 82), “[...] como um novo paradigma tentando não sugerir rupturas nem radicalização, mas sim

³ O conceito pós-modernidade é alvo de muita discussão nas Ciências Sociais, posto que, há algumas vertentes que tentam explicá-lo. Uma dessas vertentes defendida por Lyotard (1985) sugere a pós-modernidade como um rompimento, uma ruptura, com as verdades absolutas ou metanarrativas da modernidade. Uma outra vertente defendida por Giddens (1991) considera que estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes, esse autor prefere trabalhar com o conceito de alta-modernidade. Existe também uma terceira vertente, na qual podemos incluir o sociólogo Michel Maffesoli, que trata a pós-modernidade como um novo paradigma tentando não sugerir rupturas nem radicalização, mas sim uma reorganização: de valores, idéias, visões de mundo, etc que são provenientes da modernidade. (QUARESMA, 2005, p 82).

uma reorganização: de valores, ideias, visões de mundo etc, que são provenientes da modernidade”, representando uma nova fase tribal que influenciam as tribos no que se refere á identificação e compartilhamento.

Esta nova fase tribal Maffesoli chama de tribalismo pós-moderno ou neotribalismo e segundo ele, a sociedade contemporânea é constituída de diversos tribalismos, isto é, religiosos, esportivos, hedonistas, musicais, tecnológicos, etc. Ele define esse neotribalismo como uma "comunidade emocional" ou "nebulosa afetiva" em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Nas tribos, o ethos comunitário é designado pelo conjunto de expressões que remete a uma subjetividade comum, a uma paixão partilhada. A adesão a esses grupamentos é sempre fugaz, não há um objetivo concreto para estes encontros que possa assegurar a sua continuidade. Trata-se apenas de redes de amizade pontuais que se reúnem ritualisticamente com a função exclusiva de reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (QUARESMA, 2005, p 86).

Ainda de acordo com o autor, o neotribalismo caracteriza-se pela aspiração de compartilhar desejos, paixões e experiências, manifestados e vividos de uma forma coletiva. Essa vontade de partilha leva à construção e identificação dos laços sociais nos agrupamentos. As tribos são comunidades empáticas, organizadas em torno do compartilhamento de gostos e formas de lazer. “[...] grupos de pessoas que se identificam por motivos diversos e acabam assumindo algumas características que os tornam fáceis de serem identificados e caracterizados” (SILVA, 2007, p. 19)

Atualmente é inegável o crescente surgimento dessas tribos nos centros urbanos, que, de certa forma, é um processo de construção de identificação aos estilos de vida que cada jovem busca em seus grupos, ocupando os espaços sociais. Assim, essas tribos urbanas desabrocham por todos os lados, buscando seu espaço, identidade e aceitação.

Muitas vezes, elas passam despercebidas em uma sociedade tão apressada em atingir seus ideais profissionais, pessoais e de consumo, distribuída em uma massa aparentemente uniforme. Por isso, a formação de tribos urbanas surge como movimento de preservação e reprodução da cultura apreendida e recriada por parte dos grupos sociais, nos quais estão inseridos. Daí a necessidade premente que os jovens possuem em fazer parte de uma tribo, na qual encontrem segurança, se identifiquem com seus pares, criem suas regras, reforcem seus valores, estabelecem normas, no intuito de fazerem parte integrante de um grupo e, ao mesmo, tempo criando e reforçando identidades.

2. Identidades Culturais

As velhas identidades, que estabilizaram o mundo social por muito tempo, estão em declínio, substituídas por novas identidades, agora fragmentadas, o que significa dizer que o sujeito contemporâneo não é mais um sujeito singular, mas plural, o contrário do que acontecia com o sujeito do iluminismo e o sujeito sociológico.

O sujeito, no contexto iluminista, baseia-se na concepção de um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, e permanece o mesmo durante toda sua existência, mantendo a sua essência individualista. É considerado portador de um núcleo interior construído e permanente por toda sua vida. Já a noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", mediando valores, sentidos e símbolos: a cultura. (HALL, 2005).

Nos movimentos contemporâneos juvenis, a identidade, antes percebida como única e estável, adquiriu novas modelações, tornando-se fragmentada, provisória, plural e contraditória: não-fixa, não-essencial e não-permanente - nômade. "Celebração móvel", a identidade, hoje, é formada e transformada continuamente e, se é construção social, também é construção histórica - assume diferentes sentidos nos diferentes momentos históricos, uma vez que são constantemente deslocadas. A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente dos sujeitos iluminista e sociológico hoje não passa de fantasia: à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. Na contemporaneidade, "A identidade é móvel, dinâmica, nunca estática. Ela é poderosa, importante, mas nunca definitiva" (GROPPO, 2000, p. 214). É uma construção social, mas também uma construção histórica - assume diferentes sentidos, em diferentes momentos históricos, uma vez que são constantemente deslocadas. Na medida em que os valores materiais e simbólicos são ressignificados, as identidades são redefinidas e multiplicadas.

Entender os sujeitos tribais é, antes de tudo, compreendê-los na perspectiva das identidades formadas e transformadas continuamente, de acordo com os condicionamentos postos pelos processos culturais. À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005). Nos agrupamentos juvenis que ora são postos, as identidades são construídas e reconstruídas continuamente, num movimento fluido, instável e provisório, de acordo com as demandas das tribos.

Esses princípios são utilizados pelos sujeitos em seu cotidiano, marcando-lhes os corpos e contribuindo na construção de suas identidades provisórias, complexas,

líquidas e flutuantes, no contexto das relações possíveis com o seu próprio “eu” e com o “outro” da tribo, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias e com os espaços de sociabilidade em que estão inseridos.

3. Espaços de Sociabilidade

Em uma perspectiva pós-moderna, as tribos urbanas estão literalmente ligadas ao surgimento do neotribalismo, que, ao contrário da estabilidade do tribalismo clássico, permite que o indivíduo represente diversos papéis sociais. Isso ilustra perfeitamente o desejo de mobilidade social: essência de compartilhar e dividir, em um espaço, desejos, vontades anseios e ideais de cada tribo.

[...] não podemos deixar de reconhecer que estamos vivendo num contexto de mudanças vertiginosas, onde percebemos que novas formas de sociabilidade estão emergindo neste final de século. Maffesoli (1987) indica que neste novo paradigma pontua o fim de uma lógica individualista típica da modernidade, de um EU fechado sobre si mesmo. [...] Dessa forma, na pós-modernidade assistimos à substituição de um social racionalizado por uma sociedade com dominante empática. Essa nova sociabilidade diz respeito ao tribalismo que está se tornando, nos grandes centros urbanos, um dos maiores expoentes dessas alterações nas relações sociais pelas quais estamos passando. Tribos bastante diferenciadas como: punks, surfistas, skinheads ou vegetarianos são exemplos desses grupos que se caracterizam pela pulsão de estar junto, que se reúnem de acordo com suas afinidades e seus interesses no momento e que não tem outra finalidade a não ser reunir-se. (QUARESMA, 2005, p 83).

Ainda de acordo com Quaresma (2005), o neotribalismo é a variedade de grupos que constituem laços fortes e sólidos, nos quais se agrupam em busca de estar juntos, importando apenas o compartilhamento de emoções e características que possuem em comum. Compreender o neotribalismo como uma nova maneira de reorganização dos agrupamentos humanos permite perceber, paulatinamente, as mudanças de acordo com o tempo, o momento histórico e a evolução dessas características em cada tribo. Dessa forma, evidencia-se o aprimoramento no convívio dos seres humanos, os quais estão em busca do bem estar consigo mesmo e para com aqueles que os rodeiam. O caminho mais rápido e seguro para compreender as novas formas de sociabilidade e as maneiras de interação entre as tribos urbanas é o estudo da territorialidade, a qual ultrapassa a delimitação de um espaço físico onde as tribos se reúnem, pois se refere também ao ambiente psicológico, emocional e social no qual os seres se relacionam.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK apud SOUZA e SANTOS, 2009 p.4).

Os agrupamentos juvenis, por tanto, constituem uma espécie de território, visto que esses grupos apropriam-se de um espaço, com a necessidade de comunicar e se identificar, além de partilhar e conviver uns com os outros, provocando o que denominamos de - micro - territorialização: pequenas partes do espaço que os agrupamentos buscam para se encontrar fisicamente, culturalmente e socialmente. Em razão disso, compreendemos território como um espaço de sociabilidade no âmbito sócio-cultural dos agrupamentos juvenis, no qual as redes de sociabilidade, que surgiram na contemporaneidade, evidenciam a não necessidade de interação com algo fixo, o que acabou alterando as práticas sociais dos sujeitos juvenis: esses não se restringem mais ao estável, preferem o instável, o flexível, na perspectiva da sociabilidade.

Nesta perspectiva, as ações dos sujeitos decorrem do convívio em tribos, das situações vivenciadas nos contatos interpessoais, variando com o ambiente em que se encontram, com os desejos momentâneos, com metas e características daqueles que fazem parte deste convívio. O neotribalismo é uma das expressões que pode explicar as novas formas de sociabilidade, no qual as afinidades e interesses momentâneos, em comum, fazem com que os agrupamentos juvenis se reúnam, para compartilhar ações, sentimentos e emoções.

As tribos são importantes contextos de desenvolvimento, sendo o estilo musical, a imagem estética e as práticas de lazer os principais elementos definidores de cada uma; [...] Quando referimos agrupamentos juvenis, eles já identificaram que vivem em seus agrupamentos por encontrar naquele grupo, semelhanças. (OLIVEIRA; CAMILO E ASSUNÇÃO et all, 2003 p. 61).

Semelhanças não apenas na maneira de vestir e pensar, mas semelhança no sentimento de pertença, que agrega conforto. O pertencimento implica laços pessoais de reconhecimento mútuo e sentimento de adesão tanto a princípios quanto à visão de mundo comuns. Disso resulta que os sujeitos juvenis se sintam participantes de um espaço-tempo, no qual são compartilhados códigos, valores e afetos que enformam um ideal comunitário.

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, música, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilos de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. (OLIVEIRA; CAMILO E ASSUNÇÃO et all, 2003 p. 64).

Palmas, por sua própria configuração física de cidade planejada, promove desagregações em lugar de agregações. Essa circunstância dificulta a construção de laços comunitários, nos quais os sentimentos de pertença são construídos por meio de micro-laços entre sujeitos com interesses comuns e que, pouco sólidos, se desfazem ao

sabor das circunstâncias. Isso afeta, particularmente, os jovens de Palmas. Esses sujeitos constroem sentidos por meio de compartilhamento de valorações presentes nos objetos simbólicos, o que possibilita que eles tenham um sentimento, embora efêmero, de pertença a um território. Isso possibilita a formação de tribos que se identificam como membros de uma comunidade de sentido. Nessas comunidades os sujeitos

[...] partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, [...], manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, [...]; independentemente do território em que esses sentidos se manifestam (JANOTTI JÚNIOR, 2003, p. 2).

Mas como a cidade ainda está em processo de consolidação, seus sujeitos estão em trânsito e nesse contexto, as percepções sobre tribos urbanas, em suas várias dimensões, são provisórias. Assim sendo, as identidades culturais da cidade “[...] estão em constante construção, desconstrução e reconstrução” (COUTO e ROCHA, 2010, p. 29). Esses fatores, que interferem diretamente no cotidiano juvenil, podem ser compreendido como uma transição cultural, resultado da forma como foi construída e habitada a capital do Tocantins – cidade planejada e proposta como um novo celeiro de oportunidades econômicas, sociais, culturais e políticas. Isso implica identidades híbridas, fluidas e móveis e resultantes da heterogeneidade, mobilidade e (des)territorialização também de seus sujeitos.

A hibridização que caracteriza as identidades decorrentes dessa transição cultural agrega valores ao já existente. Nesse processo, tanto este quanto os novos valores passam por uma transformação da qual resulta uma síntese, que combina diferentes aspectos dos valores em confronto. Esse é um traço marcante dos jovens em Palmas, o que implica a existência de um mosaico cultural, sem negar os valores tradicionais.

Essa negociação de traços identitários, que se dá no contexto das novas culturas, das novas tribos, conduz ao que Hall (2005) considera como “[...] culturas interconectadas, [que] pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)” (p. 88). Portanto, Palmas, se constitui numa realidade cultural complexa, uma realidade “político-alternativa” (CANEVACCI, 2005), no seio da qual seus sujeitos jovens constroem novas culturas, novas tribos, em constante processo de (re)construção.

4. Tribos Urbanas de Palmas – TO

Observando a implantação do Capim Dourado shopping em Palmas - TO, pode-se levantar a hipótese de que o mesmo sempre esteve relacionado com o crescimento e desenvolvimento dos centros urbanos da cidade, já que é o maior Shopping Center do Estado do Tocantins. Aspectos como a segurança, variedades de marcas, tanto na gastronomia incrementada quanto nos vestuários importados, os espaços de lazer e cinema, torna-se um ponto sedutor para as tribos urbanas da capital tocantinense, que redefinem seus espaços de sociabilidade, inaugurando assim um novo território.

Marcas corporais, elementos estéticos, e práticas sociais, estão presentes nas tribos urbanas que trafegam no espaço Capim Dourado shopping, confirmando assim a existências dos Playboys, Patricinhas, Emos, Roqueiros e lésbicas, Gays, bissexuais, travestis e Transexuais – GLST, neste espaço.

Os jovens de classe alta, que representam as tribos dos playboys e patricinhas, possuem fatores que compactam com suas necessidades de partilha, fazendo parte de um contexto semelhante. Agrupamentos como os GLST, manifestam características próprias e marcas estéticas que definem o estilo da tribo. Roupas justas para os homens, maquiagens nos rostos, cabelos bem cuidados, com tratamento estético e produtos químicos, expõem o desejo de aproximação ao universo feminino. O modo de pensar e agir da mesma forma, compartilhar vontades, valores, sentimentos e emoções, é peculiaridades próprias que cada integrante procura encontrar em um agrupamento.

Semelhanças essas, não apenas na maneira de vestir e pensar, mas sentimento que agrega conforto, que expressa à vontade de igualdade, se sentindo aceitos entre eles. A tribo playboys implica em entender o melhor que o espaço estudado oferece para eles. O território que os mesmos escolheram para socializar oferece oportunidades de consumo imprescindíveis para essa tribo. Partilhar o que existe de novo, como os produtos recentemente adquirido e que se enquadra perfeitamente nos padrões da moda, é expor seus bens materiais e expressarem seus relacionamentos instáveis e mutantes.

Particularidades como vestuário em tons escuros, maquiagem nos olhos e a franja no rosto, um estilo único para expressar a melancolia, encontra-se a tribo urbana dos Emos. Já os roqueiros, legitimam sua identidade através de roupas pretas, com desenhos de bandas internacionais de Rock, bonés, coturnos por cima da roupa, cabelos grandes e amarrados, e acessórios. O gosto pelo mesmo gênero musical é fator indispensável para fazer parte deste agrupamento. As patricinhas com roupas estilizadas, cabelos arrumados, bolsas e acessórios de marcas define o agrupamento. A

condição juvenil dessa tribo está ligada na adequação ao que à mídia impõe - a melhor marca, o estilista do momento.

5. Considerações finais

A questão proposta neste artigo não apenas apresenta conceitos de juventude e tribos urbanas por intermédio ao território de Palmas – To, mas também admite pensar, de uma maneira geral, que a contemporaneidade produz modos de vida que desvencilham os jovens de todos os tipos tradicionais de ordem social, de forma surpreendente, alterando, inclusive suas representações. As transformações envolvidas na contemporaneidade, tanto em sua extensividade quanto em sua intencionalidade, são mais profundas do que as mudanças ocorridas nos períodos anteriores.

As razões da mobilidade e dinamismo das identidades contemporâneas vinculam-se às condições gerais de vida, marcadas por erupções, incoerências e surpresas. Aquilo que dura não é mais tolerado. Esse princípio é utilizado pelos jovens em seu cotidiano, marcando-lhes os corpos e contribuindo na construção de suas identidades provisórias, complexas, líquidas e flutuantes, no contexto das relações possíveis com o seu próprio “eu” e com o “outro”, vestindo-se e travestindo-se, de acordo com as circunstâncias.

Entender, contudo, que o jovem escolhe fazer parte de um agrupamento juvenil, pelas afinidades entre os integrantes; características como conformidade de pensamentos, hábitos, formas de agir e até de se vestir, expressam a essência da formação de uma tribo urbana, que compartilha emoções, anseios, desejos e valores. De forma que não há que se considerar apenas o contexto cultural, mas também o social e econômico, já que, nesses contextos, observam-se as variáveis que identificam a partilha de códigos, estética e práticas sociais, definem a imagem de cada agrupamento.

Com isso, estudar a condição juvenil, tribos urbanas e verificar as possíveis modificações geradas na escolha de seus espaços de sociabilidade, na capital do Tocantins, demonstra importância significativa no contexto sócio-cultural, uma vez que o espaço urbano da cidade ainda se encontra em processo de consolidação, no sentido de ainda haver transições culturais que marcam o jovem na cidade de Palmas.

Referencias Bibliográficas

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **NEOTRIBALISMO** – o predomínio da Estética local sobre a Ética Global. Revista Cenário da Comunicação. São Paulo, v.2, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito. **A vida no Orkut**: Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; MACEDO, Juliana Gomes de. **Culturas Juvenis**: uma Ressignificação Contemporânea? 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. DP&A Editora, 2005.

JÚNIOR, Janotti. **Aumenta que isso aí é rock and roll**: mídia, gênero musical e identidade. Editora E-papers, 2003.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. (Orgs.). **História dos Jovens**: da Antiguidade à Era Moderna. Tradução: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; CAMILO, Adriana Almeida; ASSUNÇÃO, Cristina Valadares. **Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes**: relação com pares e negociação de diferenças. Temas em Psicologia da SBP—2003, Vol. 11, no 1, 61-75.

QUARESMA, Sílvia Jurema. **Durkheim e Weber**: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 81 - 89.

SANTOS, Vinicius Silva; SOUZA, Antônio Vital Menezes. **Territorialidade e redes de sociabilidades juvenis**: lugares, transitos e tensões da identidade. Seminário de estudos culturais, identidades e relações interétnicas Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

SILVA, Valdirene Cassia. **Corpos híbridos em mentes diáfanas**: as tribos urbanas no universo escolar de Palmas e suas inter(ações) com as tecnologia da informação e da comunicação. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.